

Autobiografia na Educação de Jovens e Adultos:

Uma proposta para a prática docente



Clarisse Dutra Aurélio

CLARISSE DUTRA AURÉLIO

**AUTOBIOGRAFIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
UMA PROPOSTA PARA A PRÁTICA DOCENTE**

**Bagé
2019**

*Sou um pobre menino, acreditai,
que envelheceu um dia de repente.*

Mário Quintana

Eu me lembro...



Caro(a) Professor(a),

É com felicidade que, nesse momento, disponibilizo a você essa breve proposta voltada para a Educação de Jovens e Adultos (EJA), tendo como tema a escrita de Autobiografia. Esse trabalho é fruto do Mestrado Profissional em Ensino de Línguas, da Unipampa de Bagé, tendo sido originado da dissertação intitulada “Autobiografia na Educação de Jovens e Adultos: o discurso do sujeito-aluno sobre si”.

A ideia de produzir um material dessa natureza surgiu através de uma preocupação: como trabalhar as memórias e a identidade de alunos(as) da EJA? Essa preocupação não é gratuita, visto que o público dessa modalidade de ensino, não poucas vezes, apresenta baixa autoestima, medos, anseios, e ao mesmo tempo muita experiência de vida para contar.

O(a) aluno(a) de EJA é rico em experiências, memórias, histórias, conhecimento de mundo, o que torna a aula com o gênero autobiográfico um momento especial e valioso para conhecer os sentidos que esses sujeitos trazem consigo e também aqueles sentidos que ainda irão produzir, uma vez que a atividade não se encerra na pura e simples rememoração, mas na produção de novos sentidos e perspectivas de vida.

Para tanto, oferecemos também conceitos da Análise de Discurso, a fim de proporcionar a você, professor(a), um modo de reflexão para além da espontaneidade, com base em uma teoria, de modo que você poderá ler as autobiografias, questionários, anotações etc. com um olhar fundamentado nessa teoria.

Aqui você, o(a) professor(a), terá acesso a exemplos de como trabalhar a autobiografia, no formato de aulas, com atividades, objetivos etc., porém não se exclui a possibilidade de você fazer reformulações, supressões, acréscimos entre outros, exercendo, dessa forma, a sua própria autoria em cima desta proposta, no momento de realizar as suas aulas.

Desejo a você, professor(a), um ótimo trabalho!

Sumário

Apresentação	7
Reflexões sobre o gênero Autobiográfico	8
Autobiografia.....	9
Mas o que é identidade?	11
Proposta didática: Um percurso pela produção de sentidos	14
Aula 1:	15
Um primeiro olhar sobre a autobiografia	15
Aula 2:	17
Mobilizando sentidos através de questionários	17
Aula 3:	19
Momento de escrever a autobiografia	19
Aula 4:	21
Leituras coletivas de textos autobiográficos.....	21
Mario Quintana, e sua autobiografia	22
Aula 5:	24
Buscando novos sentidos sobre si	24
Autoria.....	25
Aula 6:	26
Rescrevendo a sua autobiografia	26
Aula 7:	27
Socializando as produções autobiográficas	27
<i>Para concluirmos nossa troca...</i>	28
Referências	30

Apresentação

Nesta proposta, estamos preocupados com você e seus alunos, que vivem esta gratificante experiência da Educação de Jovens e Adultos, que possibilita a tantas pessoas, que não tiveram acesso ou condições de permanecer na escola, uma nova oportunidade de prosseguir e terminar os seus estudos. A escola é tão importante para esses sujeitos que, através de autobiografias, é possível perceber que, para muitos deles, é como se fosse um “acerto de contas” com o passado. Assim, a imagem que eles têm da escola, às vezes, vai muito além da imagem que nós, professores, temos.

Mas só podemos perceber os sentidos que os(as) alunos(as) materializam em seus textos se estivermos devidamente munidos de uma base teórica que qualifique nossa leitura. Enquanto especialistas e autores de nossa prática pedagógica, nós temos o dever de saber ler o que os(as) alunos(as) escrevem e esse saber significa estarmos munidos de um suporte teórico adequado. Dessa forma, ao longo desse roteiro, daremos especial importância não somente às aulas, mas à abordagem teórica das mesmas.

A teoria da qual estamos municiados é a Análise de Discurso de linha francesa, tendo como seu principal teórico e iniciador, Michel Pêcheux, o qual nos diz que todo o discurso tem um sujeito (PÊCHEUX, 2010), de modo que não existem palavras, textos ou até imagens, que não sejam produção daqueles que vivem em sociedade.

*Reflexões sobre o gênero
Autobiográfico*



Autobiografia

Você, professor(a), já parou para pensar que tudo aquilo que os sujeitos falam ou escrevem está em um “formato” particular? Por exemplo, até quando falamos com alguém existe uma forma material de existência desse “falar com alguém”: são diálogos, onde cada um tem um momento de falar e ouvir, ainda que alguém fale mais do que ouça, essa materialidade está sujeita a um “formato” socialmente construído.

Todos os campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. Compreende-se perfeitamente que o caráter e as formas desse uso sejam tão multiformes quanto os campos da atividade humana, o que, é claro, não contradiz a unidade nacional de uma língua. O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana (BAKHTIN, 1997, p. 261).

De acordo com Bakhtin (1997), que é um teórico que escreveu, dentre outros temas, sobre os gêneros do discurso, e conforme a citação expressa acima, o uso da linguagem obedece a uma multiplicidade de formas, ou seja, a uma série de gêneros.

Para o mesmo autor, existem os gêneros **primários** e **secundários**. Os primeiros são os mais simples, ligados ao cotidiano, como o bilhete, o recado, a conversa etc. Já os secundários, são mais complexos, e temos dentre eles, por exemplo, o romance, a poesia, o texto dramático, a biografia e a autobiografia.

Mas na construção dos gêneros secundários estão articulados os gêneros primários. Por exemplo, uma conversa (primário) pode constituir parte do corpo de um gênero secundário, como os diálogos presentes em um romance, um texto dramático, uma memória presente em uma autobiografia etc.

Assim na autobiografia produzida pelo seu/sua aluno(a) estão presentes ambas as divisões, os secundários e primários. É importante conhecer isso, pois faz com que o professor leve em consideração os conhecimentos prévios dos(as) alunos(as) a respeito do uso da linguagem.

Vejamos a explicação que nos dão os autores:

Em todas essas atividades, valemo-nos de vários gêneros discursivos -- orais e escritos, impressos ou digitais -- utilizados socialmente e típicos de nossa cultura letrada urbana: cumprimento, bilhete, mensagem eletrônica, formulário, relatório, apresentação empresarial. Os gêneros discursivos permeiam nossa vida diária e organizam nossa comunicação. Nós os conhecemos e utilizamos sem nos dar conta disso. Mas, geralmente, se sabemos utilizá-los, conseguimos nomeá-los (ROJO & BARBOSA, 2015, pp. 16-17).

Ou seja, aos alunos(as) pode ser enfatizado que os gêneros do discurso estão em todas as utilizações que eles fazem da linguagem, mesmo que não estejamos cientes disso ou consigamos nomeá-los. As próprias mensagens que eles mandam por meios eletrônicos, como os *smartphones* e seus aplicativos, têm sua existência materializada em um gênero do discurso.

O próprio contar um fato que aconteceu recentemente ou não, utilizando-se da oralidade, sendo um gênero de ordem primária, ou seja, simples, já é um embrião que possibilita compreender um gênero como a **Autobiografia**.

E a importância desse gênero do discurso está diretamente ligada à necessidade que temos de contar sobre a nossa vida, sobre nossos sonhos e aspirações, sobre produzir ou reproduzir a nossa própria identidade. E essa é a tarefa proposta aqui, criar condições para que os(as) alunos(as) possam escrever as suas autobiografias, produzam seus sentidos, reflitam sobre suas identidades e se apropriem cada vez mais da linguagem formal.

Leituras recomendadas:

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ROJO, Roxane; BARBOSA, Jacqueline M. *Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

Mas o que é identidade?



Identidade

“Não são os sujeitos físicos nem os seus lugares empíricos como tal, isto é, como estão inscritos na sociedade, e que poderiam ser sociologicamente descritos, que funcionam no discurso, mas suas imagens que resultam de projeções. São estas projeções que permitem passar das situações empíricas – os lugares dos sujeitos – para as posições dos sujeitos no discurso.” (ORLANDI, 2010, p.40).

Resolvemos iniciar com essa citação de Orlandi (2010), que nos ajudará a esclarecer uma distinção importante ao falarmos em **identidade**. A questão colocada é que não estamos tratando dos sujeitos empíricos, de sua natureza biológica, “de carne e osso”, digamos assim.

Ao falarmos de identidade estamos nos remetendo a **projeções**, como disse a autora, suas imagens, o que diz respeito ao modo como os sujeitos se veem, ao discurso que produzem ou reproduzem sobre si mesmos. A dimensão da exterioridade, ou seja, das relações entre os sujeitos no mundo é determinante na sedimentação de determinada identidade. Se pensarmos nos(as) alunos(as) da EJA, existem muitos acontecimentos que concorrem para influenciar o modo como eles se definem, fazendo-os ver-se de modo positivo ou negativo.

Vejamos o que nos diz outra autora:

Assim como nomear é dar realidade ao objeto, é possível afirmar que falar de um povo ou de um grupo social e até mesmo de um indivíduo é dar-lhes existência, fazê-los serem e acreditarem que são ou que existem. Não é à toa que se diz que falar de alguém é manter este alguém vivo, na memória do outro e, portanto, na sua própria memória. (CORACINI, 2003, p. 201).

Compreendemos, assim, com Coracini (2003) que a identidade está intrinsecamente ligada ao discurso. É através dele que os sujeitos são chamados a existir e a se reconhecerem desta ou daquela maneira, de acordo com as condições de produção do discurso, de modo que tudo o que somos, ou que projetamos a nosso respeito se deve, e muito, àquilo que os demais sujeitos produziram sobre nós, o que afeta o modo como nos reconhecemos. Por exemplo, uma “mãe” não é somente mãe por uma determinação biológica, de ser capaz de gerar um novo ser, mas é uma imagem produzida dentro de determinadas condições sociais e ideológicas.

O(a) professor(a) verá, no caso de algumas alunas da EJA, que foi criada uma imagem delas que as encerra no “papel” de mãe, e que as faz se sentirem presas ao lar e à responsabilidade de cuidar de toda a família, muitas vezes não tendo tempo para si, o que faz

com que a experiência da EJA seja o único momento que elas possuem durante o dia para se dedicarem a si mesmas, de maneira que é muito importante esse trabalho que você poderá desenvolver ao trabalhar com a autobiografia, pois tocará em um ponto importante: a identidade. Isso irá possibilitar aos alunos(as) repensarem o que sempre ouviram sobre quem eles são e, inclusive, produzirem novos discursos sobre si.

Dessa forma, novamente somos levados a refletir:

a identidade, quer nacional, individual ou subjetiva, é produzida ou construída socialmente por aquele(s) a quem se atribui maior poder, e, portanto, a quem se concede autoridade para legitimamente dizer verdades ou a verdade sobre os fatos, o povo, o indivíduo. É (são) essa(s) verdade(s) que, internalizada(s), garante(m), como dizíamos, a possibilidade de um ser humano se constituir como um sujeito da linguagem, isto é, sujeito do discurso (CORACINI, 2003, p. 202).

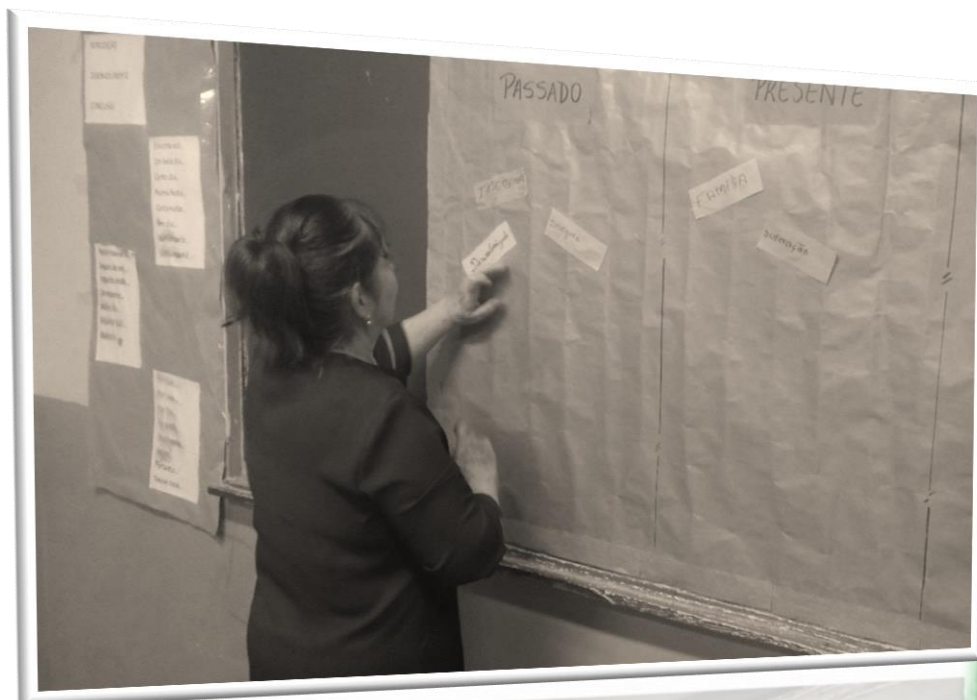
Coracini (2003) entra em um ponto importante, pois reconhece as relações de poder que acabam determinando e fixando as identidades, ou seja, são aqueles a quem se confere maior legitimidade ou autoridade para produzir o discurso sobre determinado povo ou determinada subjetividade. Esses sentidos produzidos nessas instâncias de autoridade acabam sendo internalizados por esses/essas alunos(as), e, assim, podem aparecer nas autobiografias.

Você já deve ter percebido que é muito significativo o trabalho com autobiografias, pois, se conduzido com seriedade, permite aos sujeitos atribuírem novos sentidos a si mesmos, não se prendendo ao que foi determinado para eles.

Leitura recomendada:

CORACINI, M. J. R. F. A Celebração do Outro na constituição da identidade. *Revista Organon*. V. 17, n. 35 (2003).

*Proposta didática: Um percurso pela
produção de sentidos*



Aula 1:

Um primeiro olhar sobre a autobiografia

Professor (a), para iniciarmos juntos este percurso pela autobiografia na EJA, primeiramente temos que começar ofertando subsídios aos alunos(as), a fim de que compreendam o gênero que você estará desenvolvendo.

Temos aqui uma proposta pedagógica para um primeiro encontro com a turma em que você irá trabalhar:

- Apresentação de um vídeo autobiográfico.
- Roda de conversa sobre o gênero autobiográfico e sobre o vídeo.
- Personalização de um caderno de registro em formato de *fanzine*.

1º A utilização de vídeos autobiográficos como um meio de introduzir o gênero trabalhado é importante, pois possibilita ir do mais simples ao mais complexo (utilizando a teoria que tratamos anteriormente, seria ir de um gênero primário até um secundário), pois os vídeos que sugerimos são do *#Human Brasil*, ¹disponíveis no *Youtube*, em que pessoas de vários locais do mundo, falam sobre suas vidas (mais de 2.000 em cerca de 60 países), englobando tanto pessoas conhecidas como anônimas. É um momento propício para que eles reconheçam o gênero autobiográfico através de um gênero primário.

2º A roda de conversa é um segundo momento valioso, pois permite aos alunos(as) comentarem suas impressões sobre o vídeo, relacionando isso a memórias, relatos de vida, compreendendo que é a própria realidade de uma autobiografia.

3º Esse momento, o da confecção de um *fanzine*, vai permitir aos alunos(as) um primeiro encontro com suas memórias, sua identidade, de modo que começam a mexer em seu arquivo, trazendo à tona sentidos que ficaram no passado ou que ainda exercem influência sobre eles no presente. Quando falamos em **arquivo** nos referimos aos sentidos e dizeres que os sujeitos trazem consigo sobre um assunto. Você pode saber mais sobre arquivo em Pêcheux (1994).

¹ Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=pDh4x1W45bo> > acessado em 26/10/2019 às 11h38min.

Objetivos

- Reconhecer o gênero autobiográfico;
- Mobilizar arquivo discursivo dos alunos sobre si;
- Trabalhar a identidade na personalização do caderno de registro do aluno (*fanzine*).

Noções da Análise de Discurso

Arquivo

Para Pêcheux (1990), é tudo aquilo que se tem dito sobre um determinado assunto, podem estar documentados ou na memória dos sujeitos.

Sentidos

Na Análise de Discurso, os sentidos não são fixos, ou seja, uma vez que são produzidos pelos sujeitos em determinadas condições de produção, eles podem mudar ou permanecer os mesmos.

Através dessas noções você compreenderá que os sentidos os quais os sujeitos da EJA trazem consigo em seu arquivo não existem desde sempre ou nascem com eles, mas são produzidos por diversos sujeitos em épocas diferentes e, o que é importante, podem mudar.

Aula 2:

Mobilizando sentidos através de questionários

Professor(a), já trabalhamos, então, vídeos autobiográficos e discutimos com os(as) alunos(as) o gênero, fazendo essa relação a partir de um gênero primário. Agora, a fim de mobilizar o **arquivo** de seus/suas alunos(as), faremos uma entrevista em forma de questionário. Isso irá possibilitar que os alunos mobilizem seus sentidos, criando aos poucos condições de produção propícias para escrever a sua autobiografia.

É claro que, conhecendo seus alunos, você poderá elaborar as suas próprias perguntas, entretanto damos uma sugestão:

- a. Como eu me vejo?
- b. Como eu acho que as pessoas me veem?
- c. Como eu não gosto de ser visto?
- d. Como eu gostaria que me vissem?
- e. O que minhas marcas e traços (cabelos, tatuagens, *piercing*, cicatrizes) significam para mim?
- f. O que você gostaria que seu modo de vestir dissesse a seu respeito?
- g. Como eu gostaria de me ver no futuro?

Essas questões visam a oferecer um norte para que você prossiga o seu trabalho com a autobiografia. Elas foram elaboradas tendo como base o conceito de **formações imaginárias** (ORLANDI, 2010), que tratam da relação imaginária que os sujeitos têm com quem falam, sobre o que falam, bem como sobre si mesmos. Dessa forma, o sujeito faz uma imagem sobre o que os demais sujeitos pensam dele, uma reflexão importante para pensarmos a questão do discurso que eles produzem sobre si.

Objetivos

- Mobilizar o arquivo dos alunos(as), a fim de criar condições para a produção de uma autobiografia;
- Conhecer e analisar as formações imaginárias que os alunos(as) têm sobre si.

Noções da Análise de Discurso

Formação imaginária

“Esse mecanismo produz imagens dos sujeitos, assim como do objeto do discurso, dentro de uma conjuntura sócio-histórica. Temos assim a imagem da posição sujeito locutor (quem sou eu para lhe falar assim?), mas também a posição do sujeito interlocutor (quem é ele para me falar assim, ou para que eu lhe fale assim?), e também do objeto do discurso (do que eu estou lhe falando, do que ele me fala?).” (ORLANDI, 2010, p. 40)

Com base nessa noção, você poderá analisar, à luz da Análise de Discurso, as imagens que os(as) alunos(as) trazem sobre si mesmos e sobre como os demais sujeitos os veem, o que influencia sobremaneira as suas identidades. Dessa forma, é possível até compreender certas nuances de seus comportamentos em sala de aula: autoestima baixa, timidez, solidariedade, autoafirmação etc.

Aula 3:

Momento de escrever a autobiografia

Então, vamos escrever?

Professor (a), este é o momento da escrita da autobiografia por parte dos seus alunos. Acredita-se que, a partir de agora, foram criadas, através de conversas e práticas, as condições necessárias para que eles escrevam suas autobiografias. Lembramos que escrever sobre si mesmo não é uma tarefa fácil, não só pelo manejo da língua escrita e suas formalidades, mas também por envolver memórias e sentimentos. Para escrever, se faz uma série de escolhas, conscientes e inconscientes, alguns(as) alunos(as) deixam vir à tona sentidos antes silenciados, e outros silenciam muito mais do que mostram. É uma atividade encantadora se você souber olhar para ela entendendo que produzir um discurso é um jogo em que se diz e se silencia, em que se permite que certos sentidos venham à tona, enquanto que outros ficam emudecidos.

A proposta é a seguinte:

- Explanar brevemente sobre a autobiografia para os alunos, lembrando questões colocadas em momentos anteriores, mostrando que a elaboração, desta vez, se dará na forma de um texto, não mais estando restrito a um gênero primário.
- Propor a escrita da autobiografia.
- Prestar o auxílio necessário quando o(a) aluno(a) solicitar.

1º Na explanação, é importante começar por aquilo que os alunos conhecem, dando a eles maior confiança, mostrando, também, que para escrever eles precisam encadear ideias, trabalhando o passado e o presente, buscando as suas memórias. É um momento em que, pensando nas **formações imaginárias**, você precisa romper um pouco com a imagem que algumas vezes se tem do professor de Língua Portuguesa, como sendo o “juiz” ou o “carrasco” dos textos produzidos pelos(as) alunos(as).

2º Mostre-se interessado na expressão deles, naquilo que eles têm para contar, dê retornos após a conclusão da atividade. Lembre-se, você propôs a atividade, portanto precisa interessar-se pelos resultados dela.

3º Os(as) alunos(as), às vezes, têm insegurança quanto à ortografia, esteja pronto a auxiliá-los quando eles solicitarem, pois transmite segurança a eles, produzindo a imagem de que você está presente como alguém que ensina e auxilia, em vez de “julgar” e exercer uma correção implacável. Não esqueça que nesse momento é que eles irão utilizar o caderno personalizado com o *fanzine*.

Objetivos

- Trabalhar a autoria dos(as) alunos(as) através da produção de uma autobiografia;
 - Mobilizar a memória e o arquivo discursivo;
- Possibilitar a emergência dos sentidos no arquivo dos(as) alunos(as).

Noções da Análise de Discurso

Silêncio

Para Orlandi (1992), o silêncio vem a ser parte constituinte de todo o discurso, de modo que para dizer é necessário ao mesmo tempo silenciar. É impossível dizer tudo, sentidos ficam legados ao silêncio, por diversas razões, inclusive pela censura ou autocensura.

Aula 4:

Leituras coletivas de textos autobiográficos

Professor(a), nessa nova etapa, sugerimos a leitura de autobiografias de outras pessoas, bem como um trabalho mais detalhado em cima delas, buscando adjetivos empregados no texto, encontrando sinônimos com a ajuda do dicionário, a fim de possibilitar a compreensão da dimensão **parafrástica** dos textos. Quando falamos em paráfrase, nos referimos à manutenção dos mesmos sentidos sob diferentes materialidades (palavras, frases etc.).

Eis a proposta:

- Leitura de textos autobiográficos em grupos.
- Busca de adjetivos e palavras desconhecidas nos textos.
- Propor aos alunos(as) encontrar os sinônimos no dicionário para as palavras destacadas.

1º A leitura dos textos autobiográficos, sugere-se que seja em grupo, a fim de promover uma discussão mais ampla (entre mais sujeitos) sobre os sentidos existentes nos textos, bem como as compreensões sobre os significados das palavras.

2º A busca de adjetivos e palavras desconhecidas é importante porque estão ligadas ao modo como os sujeitos ampliam seu repertório lexical.

3º A partir dessa busca, pode-se encontrar no dicionário maneiras diferentes de dizer os mesmos sentidos, o que, na Análise de Discurso, chamamos de paráfrase.

Você, professor(a), pode buscar, com o auxílio da internet, autobiografias que se encaixam melhor nas expectativas de seus alunos, de personalidades que interessem a eles e sejam relevantes. No nosso caso, sugerimos um texto autobiográfico do poeta Mário Quintana.

Sugestão de texto autobiográfico

Mario Quintana, e sua autobiografia

Nasci em Alegrete, em 30 de julho de 1906. Creio que foi a principal coisa que me aconteceu. E agora pedem-me que fale sobre mim mesmo. Bem! Eu sempre achei que toda confissão não transfigurada pela arte é indecente. Minha vida está nos meus poemas, meus poemas são eu mesmo, nunca escrevi uma vírgula que não fosse uma confissão. Ah! mas o que querem são detalhes, cruezas, fofocas... Aí vai! Estou com 78 anos, mas sem idade. Idades só há duas: ou se está vivo ou morto. Neste último caso é idade demais, pois foi-nos prometida a Eternidade.

Nasci no rigor do inverno, temperatura: 1 grau; e ainda por cima prematuramente, o que me deixava meio complexado, pois achava que não estava pronto. Até que um dia descobri que alguém tão completo como Winston Churchill nascera prematuro - o mesmo tendo acontecido a sir Isaac Newton! Excusez du peu... Prefiro citar a opinião dos outros sobre mim. Dizem que sou modesto. Pelo contrário, sou tão orgulhoso que acho que nunca escrevi algo à minha altura. Porque poesia é insatisfação, um anseio de autossuperação. Um poeta satisfeito não satisfaz. Dizem que sou tímido. Nada disso! Sou é caladão, introspectivo. Não sei por que sujeitam os introvertidos a tratamentos. Só por não poderem ser chatos como os outros?

Exatamente por execrar a chatice, a longuidão, é que eu adoro a síntese. Outro elemento da poesia é a busca da forma (não da fôrma), a dosagem das palavras. Talvez concorra para esse meu cuidado o fato de ter sido prático de farmácia durante cinco anos. Note-se que é o mesmo caso de Carlos Drummond de Andrade, de Alberto de Oliveira, de Érico Veríssimo – que bem sabem (ou souberam) o que é a luta amorosa com as palavras.

Com relação a essa autobiografia, você pode formular as seguintes questões para seus/suas alunos(as):

- Discuta em seu grupo como o poeta define a si mesmo.
- Destaque adjetivos e palavras desconhecidas.
- Encontre os sinônimos, com a ajuda do dicionário, para os adjetivos encontrados.

Essa atividade serve para trabalhar a autobiografia, e também para conhecer diferentes palavras para os mesmos sentidos, ampliando o repertório dos(as) alunos(as).

Objetivos

- Fomentar a produção da leitura por parte dos sujeitos alunos;
- Trabalhar a sinonímia;
- Criar condições de leitura parafrástica.

Noções da Análise de Discurso

Na Análise de Discurso, trabalha-se com as noções de paráfrase e polissemia, ou seja, a manutenção dos mesmos sentidos que com palavras e frases diferentes. Já a polissemia diz respeito a possibilidade de se encontrar novos sentidos para as mesmas palavras ou frases. Assim, temos a possibilidade de manutenção ou de atribuição de novos sentidos.

Paráfrase

Manutenção dos mesmos sentidos, mesmo que em palavras diferentes. (ORLANDI, 2010).

Polissemia

Atribuição de novos sentidos às mesmas palavras. (ORLANDI, 2010).

Aula 5:

Buscando novos sentidos sobre si

Professor(a), nessa aula você poderá levar seus/suas alunos(as) a produzirem sentidos sobre as suas personalidades, sob o eixo da **paráfrase** e da **polissemia**, levando-os a pensarem outras formas de dizer o mesmo, bem como outras possibilidades de sentido para as mesmas formulações.

Eis nossa proposta:

Propor a cada aluno(a) que atribua definições a um colega, e vice-versa.

- Cada aluno(a), munido das definições que recebeu de seu colega, irá encontrar outras formas de dizer os mesmos sentidos.
- Além de encontrar novas formas para dizer o mesmo, eles poderão encontrar, para as mesmas palavras que os definem, novos sentidos, a fim de trabalhar a polissemia.

1° A ideia de possibilitar que outro sujeito atribua sentidos ao aluno, é poder trabalhar as formações imaginárias que construímos dentro de nossos convívios. Essas formações não são fixas, ou seja, estão sujeitas a mudanças, de modo que novos sentidos podem surgir.

2° Esses novos sentidos deverão ser buscados através das reflexões dos(as) alunos (as) a respeito das definições que receberam de seus colegas.

3° É importante a busca de outros sentidos, pois possibilitam que aqueles sentidos que, há muito tempo, estão sedimentados sobre a identidade desses sujeitos podem ser mexidos, uma vez que não são eternos.

Objetivos

- Mobilizar as formações imaginárias dos(as) alunos(as) sobre si;
- Promover a autoria;
- Desenvolver a paráfrase e a polissemia.

Noções da Análise de Discurso

Autoria

“Podemos então dizer que a autoria é uma função do sujeito. A função-autor, que é uma função discursiva do sujeito, estabelece-se ao lado de outras funções, estas enunciativas, que são o locutor e o enunciador. [...] O autor é então considerado como princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como fulcro de sua coerência.” (ORLANDI, 2010, p.74-75).

Quando falamos em autoria, conforme a autora acima citada, estamos nos referindo justamente a esse princípio que agrupa o discurso, dando-lhe uma direção, buscando uma unidade, produzindo ou reproduzindo determinados sentidos.

Aula 6:

Rescrevendo a sua autobiografia

Professor(a), que tal agora escrever uma nova autobiografia? Ou então reescrevermos a mesma, fornecendo as condições necessárias à emergência de novos sentidos. Essa parte de nossa atividade é muito importante, uma vez que compreendemos o discurso não como um único texto fechado sobre si mesmo, mas sim como a produção de sentidos por sujeitos, o que pode se materializar de diferentes formas, em textos distintos.

A reescrita compõe essas condições para que novos sentidos possam surgir, num movimento polissêmico. Dessa forma, os(as) alunos(as) podem colocar novas perspectivas de vida nos seus textos, atribuir novos sentidos à sua própria identidade, uma vez que o arquivo discursivo dos(as) alunos(as) foi ampliado e seus sentidos sofreram deslizamentos.

Objetivos

- Possibilitar um novo momento para a autoria e para a escrita de uma autobiografia;
- Ampliar o arquivo discursivo dos(as) alunos(as);
- Criar condições de emergência de novos sentidos.

Depois de reescrita a autobiografia, é importante sua leitura atenta da mesma, e a reflexão sobre o que mudou, quais sentidos foram possibilitados de virem à tona, bem como quais sentidos permanecem.

Assim, compreendemos que o discurso não se restringe a uma folha de papel sobre a qual se escrevem frases, palavras etc., mas se trata de uma produção dos sujeitos, nas quais concorrem distintos sentidos, às vezes se opondo, se complementando. Dessa forma, a escrita de uma nova autobiografia corresponde a essa instância do discurso, a de não se encerrar nas palavras, de maneira fixa possibilitando a ampliação do arquivo dos(as) alunos(as) através do questionamento sobre a história de vida de cada um deles.

Aula 7:

Socializando as produções autobiográficas

Esse último momento, professor(a), pode ser dedicado à socialização das produções dos(as) alunos(as). Sabe-se que uma autobiografia produzida por estudantes nem sempre é socializada, em razão da timidez ou do conteúdo que os(as) alunos(as) desejam ou não mostrar. Muitas vezes eles preferem que apenas o professor leia, no entanto existem também aqueles que desejam compartilhar suas memórias, histórias de vida, que, em algumas ocasiões, conferem sentido à sua presença na escola. Dessa forma, desde que os(as) alunos(as) concordem, é importante esse momento, não só de ler sua autobiografia, mas também de ouvir as dos demais colegas, em um compartilhar de histórias. Lembrando que a imagem da escola não precisa sempre condizer com a aridez, mas pode dar vazão às emoções e a momentos agradáveis de comunhão.

Objetivos

- Compartilhar com a turma as autobiografias produzidas;
- Possibilitar a escuta e o contato com os sentidos produzidos;
- Promover um momento de integração entre alunos(as) e professor(a).

Para concluirmos nossa troca...

Meus/minhas caros(as), chegado ao final de nossa proposta, esperamos que ela tenha ajudado, tanto com alguns subsídios teóricos quanto com propostas didáticas, a fim de respaldar o trabalho com o gênero autobiográfico. Apesar de termos utilizado uma teoria, que explicitamos no decorrer desta proposta, acreditamos que o ideal seria entrar em contato com livros, artigos e demais textos que tratam dessa teoria, a fim de que a análise seja mais substancial.

Como uma maneira de conhecer inicialmente alguns pressupostos teóricos importantes do discurso, é bastante útil a obra *Análise de Discurso: princípios e procedimentos* de autoria de Orlandi (2010). Nesse livro, se encontra a definição de discurso na teoria de Michel Pêcheux, seus conceitos, métodos, de uma maneira introdutória. E para maior aprofundamento, pode-se recorrer tanto a outros títulos da mesma autora, como à obra de Michel Pêcheux, seu principal expoente.

Esperamos que essa proposta seja visto não como um conjunto de prescrições, mas como uma experiência compartilhada, que pode ser utilizada, reconstruída, incrementada dentro de sua prática pedagógica, possibilitando ao professor a autoria de sua aula, bem como a criação das melhores condições aos seus alunos para a produção de sentidos.

Quanto aos(as) alunos(as), os quais “dão vida” à EJA, esses são imprescindíveis para o nosso crescimento enquanto educadores, pois constantemente se convertem em poderoso desafio, nos fazendo repensar nossa prática, nosso trato com o ser humano, nossa atenção para com diferentes formas de aprender.

As suas histórias nos fazem não somente compreender parte do caminho que traçaram até chegar à nossa sala de aula, mas também nos ensinam um pouco da história da educação no nosso país, que a muitas pessoas não garantiu o acesso ou a permanência nos estudos, mas que, no entanto, oferece a possibilidade, agora com a Educação de Jovens e Adultos, de promover esse reencontro, tão importante para as nossas vidas!

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CORACINI, M. J. R. F. A Celebração do Outro na constituição da identidade. *Revista Organon*. V. 17, n. 35, 2003.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes Editores, 2010.

_____. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas: Editora Da Unicamp, 1992.

PÊCHEUX, Michel. *Ler o arquivo hoje*. In: Gestos de Leitura: da história no discurso/ Eni P. Orlandi (Org.) [et al]; Tradução de Bethânia Mariani et al. Campinas: Editora da Unicamp, 1994.

_____. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni Orlandi et alii. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

ROJO, Roxane; BARBOSA, Jacqueline M. *Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.